



EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E MOVIMENTO: UM OLHAR PARA A PESSOA COM SURDOCEGUEIRA

Pâmela Maria Seganfredo Castagna¹
Katrine Artuso Bosco²
Carla dos Reis Rezer³
Jaqueline Reni Loss⁴
Deizi Domingues da Rocha⁵

RESUMO

O presente estudo buscou interlocuções entre a Educação Física escolar, o movimento humano e a pessoa com surdocegueira. A pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa de cunho teórico bibliográfico, utilizando-se da revisão sistemática. Como fonte de pesquisa foram utilizados periódicos do campo da Educação Física como: Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Educação Física UEM, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Constatou-se fragilidade da produção teórica nesta área de pesquisa necessitando análise de outras fontes, como por exemplo, o Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), a Revista de Educação Especial (UFES), o acervo digital da Unochapecó e o google acadêmico. Para tanto consideramos o período composto dos anos 2000 a 2019. Foram encontrados treze artigos, seis dissertações, duas teses e uma monografia. Após leitura e análise da íntegra desses estudos organizamos três categorias de análise, neste texto abordaremos a categoria “Conhecendo a surdocegueira: corpo e movimento”. Concluímos que a Educação Física se apresenta como um elemento imprescindível na descoberta, experimentação, significação do movimento humano através do processo de elaboração da expressão corporal de crianças com surdocegueira, bem como, é potencializadora deste processo pois objetiva que o sujeito se (re)conheça enquanto corpo que se-movimenta, que estabelece relações, consigo mesmo, com outros, com as coisas e com o mundo.

Palavras-chave: Surdocegueira, Educação Física Escolar, Comunicação, Movimento.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ - como parte dos pré-requisitos para obtenção de grau no curso de Educação Física (licenciatura) neste ano de 2020/1. O estudo buscou interlocuções entre a Educação Física escolar, o

¹ Graduanda em Educação Física – Licenciatura - Universidade Comunitária da Região de Chapecó-UNOCHAPECÓ - SC, pamela.castagna@unochapeco.edu.br Docente no curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó/SC, deizirocha@unochapeco.edu.br

² Graduada em Educação Física – Licenciatura - Universidade Comunitária da Região de Chapecó-UNOCHAPECÓ - SC, katrineartuso@unochapeco.edu.br

³ Docente no curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. rezer@unochapeco.edu.br.

⁴ Professora (intérprete) na rede Municipal de Canela/RS. Jkl@unochapeco.edu.br

⁵ Docente no curso de Educação Física da Universidade Comunitária da região de Chapecó e na Rede Municipal de Educação de Chapecó/SC.



movimento humano e a pessoa com surdocegueira. Isso porque entendemos que a Educação Física enquanto área do conhecimento que é tematizada pelos elementos da cultura corporal de movimento (como a dança, o jogo, a ginástica, o esporte, as lutas, entre outros) pode contribuir significativamente no processo de percepção corporal e/ou elaboração da expressão corporal de estudantes com surdocegueira, pois de acordo com Maia e Araoz (2001, p. 20) “O movimento nas atividades é de extrema importância pelo interesse que desperta e pelas informações que os sistemas proprioceptivo e vestibular podem aportar [...]”.

A Educação Física junto ao estudante com surdocegueira pode se tornar potencializadora do processo de ensino-aprendizagem principalmente quando consegue efetivar ações que permitam o estudante compreender seu corpo e a relação que este estabelece consigo próprio com os outros, com as coisas e com o mundo.

De acordo com Cader-Nascimento e Costa (2010) a surdocegueira é caracterizada pela perda total e/ou parcial dos sentidos de visão e audição simultaneamente. O estudante com surdocegueira apresenta dificuldades motoras, partindo da conjectura que a deficiência auditiva expõe às dificuldades de equilíbrio, que são desencadeadas por os sistemas vestibulares e a cóclea dividirem o mesmo fluido, deste modo, enquanto danos na cóclea causam perdas auditivas, os canais vestibulares responsáveis pelo equilíbrio também sofrem prejuízos. Já cegueira está associada a perda grave ou total das funções elementares de modo irremediável ligado a incapacidade de perceber, cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento. Além da cegueira também há pessoas com baixa visão, é complexa devido a variedade e intensidade das funções visuais, englobando desde o comprometimento da percepção de luz até redução do campo visual (BRESSAN, BUSS, LEWCOWICZ, 2019).

Prejuízos no sistema visual e/ou auditivo afetam diretamente o sistema motor do indivíduo, fator que nos chama atenção para a importância das aulas de Educação Física enquanto possibilidade fecunda para o estudante com surdocegueira vivenciar, experimentar e criar novas e diferentes possibilidades de movimento, desenvolvendo o conhecimento e o controle corporal.

Acreditamos que a Educação Física tem um papel fundamental no processo de conhecimento corporal e nas diversas formas de comunicação, proporcionando ao aluno possibilidades de desenvolvimento reflexivo, crítico e autônomo em relação ao movimento, trabalhando através dos diversos conceitos teóricos e práticos relacionados ao movimento no âmbito escolar e fora dele. Com isso buscamos elementos para entender melhor “esse” conhecimento e controle corporal que se faz presente e necessário no dia-dia de todos.



A relevância dessa temática se mostra quando tomamos consciência de que o conhecimento e controle corporal do estudante com surdocegueira é de suma importância no processo de inclusão social, para o entendimento do meio social inserido no qual o processo inclusivo se dá principalmente pelos sentidos, de forma específica o tato. O conhecimento e controle corporal potencializam os sentidos principalmente do tato e olfato ao qual o estudante com surdocegueira cria suas relações interpessoais (MASINI, TEODORO, NORONHA, FERRAZ, 2007). Entender os desafios por trás da aprendizagem, das formas de comunicação e da elaboração de conceitos do estudante com surdocegueira são elementos significativos a serem considerados para o seu percurso formativo.

Nesse sentido o objetivo geral do estudo foi perspectivar como a Educação Física pode contribuir na (re)elaboração da expressão corporal de crianças com surdocegueira. Tema que emergiu das discussões realizadas em sala de aula durante a graduação⁶, bem como da vivência de uma das pesquisadoras, anos atrás, como estagiária de uma criança com surdocegueira na rede municipal de ensino de Chapecó/SC. Durante o processo de análise dos dados da pesquisa, foram organizadas as seguintes categorias de análise: *Aproximações com estudos que embasam a pesquisa; Inclusão e Educação Física e Conhecendo sobre a surdocegueira*. De forma específica, este recorte traz as reflexões da categoria de análise *Conhecendo sobre a surdocegueira: corpo e movimento*.

O trabalho apresenta os seguintes autores na sua base teórica: McINNES e Treffy (1997), Cader-Nascimento (2010) e Reyes (2004), Maia e Araóz (2001); Farias (2015), Bosco, Mesquisa e Maia (2010); Watanabe (2017) para falar dos aspectos sobre a surdocegueira e Godoy, Vitaliano e Fabri (2012); Rebelo (2014), Smithdas (1981); Guimarães e Oda (2013); Resende e Soares (1996); Kunz (2000) e Bracht (1992) que possibilitaram o aprofundamento dos conceitos sobre a Educação Física e, conseqüentemente relações entre a surdocegueira, o corpo e o movimento.

METODOLOGIA

Este estudo de abordagem qualitativa de cunho teórico bibliográfico utilizou-se da revisão sistemática como suporte de base. A revisão sistemática apresenta caráter narrativo, no entanto, é reconhecida por ser metódica, possibilitando a diminuição de erros pois é

⁶ Principalmente no componentes curriculares: Educação Física, corpo e movimento; Educação Especial e Educação Física, inclusão e diversidade.



aplicada de forma que apresente maior rigor científico “contribui para o desenvolvimento de uma base sólida de conhecimento, facilitando o desenvolvimento da teoria em áreas onde já existem pesquisas, e também, identificando áreas onde há oportunidades para novas pesquisas” (CONFORTO, AMARAL, SILVA, 2011, p.1).

A busca de documentos e materiais para o estudo se deu primeiramente nos periódicos do campo da Educação Física como: Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Educação Física UEM, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Constatou-se fragilidade da produção teórica nesta área de pesquisa necessitando análise de outras fontes, como por exemplo, o Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBT), a Revista de Educação Especial (UFSM), o acervo digital da Unochapecó e o google acadêmico.

Em todas essas fontes utilizamos as seguintes palavras-chave, combinadas entre elas: Surdocegueira; Surdo-Cegueira; Surdo e Cego; Surdo e Movimento, Cego e Movimento, Surdo, Cego e Movimento, Surdocegueira e Educação Física. As mesmas foram estabelecidas com o intuito de encontrar publicações sobre a surdocegueira, corpo e movimento, tendo em vista a necessidade de entender como o sujeito com surdocegueira se “entende/percebe” enquanto corpo, como se movimenta e como se relaciona. No primeiro momento consideramos o título dos diversos trabalhos encontrados e todos foram analisados, porém, muitos deles não condizem com a proposta deste estudo, fez-se necessário então analisar além dos títulos, os resumos para maior entendimento dos textos.

Deu-se início a um banco de dados e uma tabela para poder analisar os trabalhos encontrados. Foi constatado que dos 131 trabalhos selecionados, vinte e quatro deles estariam em concordância com nosso estudo e contribuíram para a análise dos dados, sendo eles: treze artigos, seis dissertações, duas teses e uma monografia

Para análise dos dados nos amparamos em Bardin (2011) na proposta de análise de conteúdo. Esta proposta configura um conjunto de instrumentos com cunho metodológico e técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos base dos estudos, dentre os métodos de análise pode-se citar a organização, codificação, categorização, inferência e informatização das análises.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor sistematização organizamos uma tabela com os trabalhos encontrados para posterior análise dos mesmos. Foi constatado que dos 131 selecionados, vinte e quatro



deles contribuíram para a análise dos dados, sendo eles: treze artigos, seis dissertações, duas teses e uma monografia, conforme segue:

Artigos				
ANO	REVISTA	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	AUTOR(ES)
2017	Educar em revista (CAPES)	A guia-interpretação no processo de inclusão do indivíduo com surdocegueira	Surdocegueira	ALMEIDA, Wolney G.
2007	Temas em Psicologia (CAPES)	Análise dos níveis de comunicação do aluno com surdocegueira	Surdocegueira	CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira; COSTA, Maria da Piedade Resende
2013	Revista Brasileira de Educação Especial (CAPES)	Atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular	Surdocegueira	GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes e MIRANDA, Theresinha Guimarães.
2013	Revista CEFAC (CAPES)	Instrumentos de avaliação de linguagem infantil: aplicabilidade em deficientes	Surdocegueira	GUIMARÃES, CristhianeFerreira;ODA, Adriana Leico
2008	Psicologia em Estudo (CAPES)	Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual	Surdocegueira	NUERNBERG, Adriano Henrique
2013	Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (CAPES)	Estudo descritivo das interações de professores em formação inicial e alunos com surdocegueira	Surdocegueira	GOMES, Marcia Regina; NUNES, Leila R. d'Oliveira de Paula
2019	Revista Educação Especial (CAPES)	Inclusão em foco: um estudo de caso sobre um deficiente que possui surdocegueira no ensino regular	Surdocegueira	BRESSAN, Luiza Liene, BUSS, Beatriz Schueroff e LEWCOWICZ, Alexandra Aline
2019	Revista Educação Especial (CAPES)	Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional	Surdocegueira	ARAÚJO, Elisangela Keyla Henrique Sales de, <i>at.al.</i>
2019	Revista Educação Especial (CAPES)	Práticas pedagógicas no processo de reabilitação de alunos com surdocegueira	Surdocegueira	BIGATE, Thais Ferreira e LIMA, Neusa Rejane W.
2017	Revista Espaço (CAPES)	Reflexões sobre a surdocegueira: definições teóricas e um relato de experiência	Surdocegueira	CARRIER, Greici Francieli Machado Stein; MOREIRA, Daniela Almeida.



2018	Revista Especial Educação	Inclusão de alunos surdocegos e a atuação de professores no ensino comum: revisão sistemática	Surdocegueira	BRANCO, Ana Paula Silva Cantarelli e LEAL, Daniela.
2001	Revista Especial Educação	Diagnósticos e atendimentos para surdocegos por rubéola congênita	Surdocegueira	ARÁOZ , Susana Maria Mana de
2008	Revista Especial Educação	Reflexão sobre a relação existente entre pesquisas e publicações sobre surdocegueira no Brasil	Surdocegueira	ARÁOZ , Susana Maria Mana de; COSTA, Maria da Piedade Resende

Quadro 01: elaborado pelas autoras

Dissertações				
ANO	REVISTA	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	AUTOR(ES)
2017	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Estudantes com surdocegueira na universidade: mapeando barreiras e facilitadores que perpassam o processo de inclusão acadêmica	Surdo e Cego	MUCCINI, Patricia
2010	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	A criança surdocega e a linguagem no contexto escolar e familiar	Surdo e Cego	BEZERRA, Luiz Carlos Souza
2017	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa	Surdocegueira	FALKOSKI, Fernanda Cristina
2017	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Perspectivas de profissionais sobre a trajetória inicial de comunicação de um sujeito com surdocegueira	Surdocegueira	MATA, Sinara Pereira da
2011	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Ver e ouvir a surdocegueira : o emergir da comunicação	Surdocegueira	RACHED, Sueli F. da Silva
2015	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica	Surdocegueira	FARIAS, Sandra S. Pires

Quadro 02: elaborado pelas autoras

Teses				
ANO	REVISTA	TÍTULO	PALAVRA-CHAVE	AUTOR(ES)
2014	Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	Pessoas com surdocegueira e com deficiência múltipla: análise de relações de comunicação	Surdocegueira	BOAS, Denise C. Villas
2017	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações USP	O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015	Surdocegueira	WATANABE, Dalva Rosa

Quadro 03: elaborado pelas autoras

Sobre a surdocegueira

Conforme Macedo (2005), a ideia de educação inclusiva é ser parte e todo ao mesmo tempo. Ela vem para nos desafiar, devemos buscar maneiras para promovermos a inclusão de fato, assumindo os medos e dificuldades encontradas, promovendo aulas de Educação Física inclusivas. Durante leitura na íntegra das teses, artigos e monografia utilizados para a realização deste estudo, notou-se que todos contextualizam a surdocegueira levando em conta que é uma deficiência singular e evidencia perdas auditivas e visuais simultaneamente em diferentes graus. McInnes e Treffry (1997), e Boas (2012) relatam que estudantes com surdocegueira não querem dizer que são um surdo que não vê, ou um cego que não consegue ouvir, mas sim que essa pessoa apresenta a perda de ambos sentidos, tanto da visão quanto da audição.

Os primeiros relatos de surdocegueira na história se deram na França no ano de 1700. Mesmo com incidência de pessoas com surdocegueira na Europa a educação para pessoas com surdocegueira nasceu nos EUA. De acordo com Kenmore (1977), os programas para Educação de Surdocegos na Europa tiveram seu início na França (1884), seguindo-se na Alemanha (1887) e Finlândia (1889). Convém destacar que, em cada um destes locais, o número de alunos era muito pequeno. Em 1977, foram catalogados apenas 350 Surdocegos em atendimento em 13 países. (MAIA, 2004, p.50)

Em 1830 o Dr. Samuel GrigleyHowe fundou uma escola para cegos em Massachusetts, nos Estados Unidos, onde teve contato com Laura Bridgman, Laura desenvolveu a surdocegueira a partir dos dezoito meses de idade admitida na escola do Dr. Howe ela teve acesso a educação por meio do alfabeto manual tátil. (WATANABE, 2017, p. 32).



A História da Surdocegueira no Brasil tem início em 1953 com a visita da já mundialmente conhecida Helen Keller (SOARES, 1999). Ainda em 1962, fundou o Serviço de Atendimento ao Deficiente Audiovisual (SEADAV). Em 1963, por intervenção do estado foi transferida de São Paulo para São Bernardo do Campo. Em 1968, passou a se chamar Escola Residencial para Deficientes Audiovisuais (ERDAV). Em 1977, para garantir maior autonomia da escola, foi novamente alterada e passa a ser chamada de Fundação Municipal Anne Sullivan (FUMAS). Com a chegada da FUMAS o Brasil também abre debates no que diz respeito ao processo de construção do conhecimento de uma criança com surdocegueira. (SOARES, 1999)

Com o passar do tempo, os estudos sobre a surdocegueira passaram por algumas transformações, tendo como objetivo o entendimento de que se fala sobre uma deficiência, a diferindo da somatória de duas deficiências. Cormedi (2011) diz que o termo surdocegueira é utilizado sem hífen desde 1991 em todos os países que disponibilizam serviços a esta parcela da população, o intuito do não uso do hífen se dá através do propósito de atentar o entendimento da população em geral para surdocegueira como uma única deficiência. Além disso, Maia e Araóz (2001) e Farias (2015), relatam que pesquisadores adotaram a escrita sem o hífen com o mesmo intuito, do caráter único da deficiência como uma deficiência singular.

Além disso, existe outro termo para a definição da deficiência, a qual de acordo com Mônaco (2004), o termo “Surdocegueira Plus” pode ser usado para definir pessoas com surdocegueira com outras deficiências associadas, sendo elas a deficiência intelectual, deficiência física/motora e/ou autismo.

A Surdocegueira pode ser classificada de acordo com as perdas do indivíduo ou seja: surdocegueira total, surdez profunda e baixa visão, surdez moderada e baixa visão, surdez moderada e cegueira. McInnes e Treffy (1997), Cader-Nascimento (2010) e Reyes (2004), classificam a Surdocegueira baseada em aspectos relacionados ao período de aquisição, se congênita ou adquirida, pré ou pós linguística, das perdas sensoriais, das limitações e de seus graus de privação.

Conforme Bosco, Mesquisa e Maia (2010) a mesma está classificada em duas categorias: congênita e adquirida. A congênita é quando o indivíduo nasce com a deficiência; a adquirida, é quando a pessoa nasce com perda visual ou auditiva, adquirindo outra no decorrer da vida.

Há quatro categorias para pessoas com surdocegueira sendo elas: Indivíduos que eram cegos e se tornaram surdos; Indivíduos que eram surdos e se tornaram cegos; Indivíduos que se tornaram surdocegos; Indivíduos que nasceram ou adquiriram surdocegueira precocemente, ou seja, não tiveram a oportunidade de desenvolver



linguagem, habilidades comunicativas e cognitivas nem base conceitual sobre a qual possam construir uma compreensão de mundo. (BOSCO, MESQUITA e MAIA, 2010, p. 45).

Os estudos de alguns autores relatam diferentes causas para a surdocegueira, como por exemplo, as considerações de Reys (2004), na etapa pré-natal: infecções transmitidas por parasita, bactéria ou vírus como rubéola, meningite, citomegalovírus, toxoplasmose, sífilis congênita, aids, herpes, incompatibilidade sanguínea, além de síndromes, como a Síndrome de CHARGE⁷. Na etapa perinatal é comum como causa a prematuridade, falta de oxigênio, medicação ototóxica, icterícia. E na fase pós-natal as causas são meningite, medicação ototóxica, otite média crônica, Sarampo, caxumba, diabetes mellitus, asfixia, além de acidentes, encefalite, AVC e consanguinidade, além de síndromes como Síndrome de Usher, de Wolfram ou Diamoad.

Cambruzzi (2007), aponta outras síndromes que podem acarretar na surdocegueira, como a Síndrome de Down quando ligada à perda auditiva e miopia em alto grau, Síndrome de Refsum, Síndrome de Kears-Sayers, Síndrome de Barted-Biedel, Síndrome de Pierre Robin, Síndrome de Flynn-Aird, Síndrome de Goldenhar, Síndrome de Cokayne, Síndrome de Halgreen, Síndrome de West e Síndrome da Osteogênese Imperfeita.

As possíveis causas variam de acordo com todo o processo de gravidez, e evolução de perdas auditivas e/ou visuais após o nascimento. A necessidade de abordar essas causas se dá pela importância de entender a diferença de cada indivíduo surdocego e a individualidade de suas vivências, e automaticamente em sua história, na forma em que se relacionam e se entendem como corpo e movimento.

Corpo, movimento e a pessoa com surdocegueira

A Resolução CNE/CEB 2/2001 do Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial-MEC/SEESP (BRASIL,2001) traz desafios acerca da organização pedagógica do professor devendo ao mesmo incluir e atender os alunos e suas necessidades educacionais especiais. Foi o primeiro documento Oficial a fazer menção ao aluno com surdocegueira, CNB/CEB nº17/2001, item 2:

Dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos que apresentam surdez, cegueira, surdocegueira ou distúrbios acentuados de linguagem,

⁷A Síndrome de CHARGE “é uma condição rara, sua sigla vem de coloboma ocular, cardiopatia congênita, estenose das coanas, atraso do crescimento e/ou desenvolvimento, anomalias genitais e/ou urinárias, e anomalias dos pavilhões auriculares e surdez” (SOUSA, *at.al*, 2017, p.104)



para os quais devem ser adotadas formas diferenciadas de ensino e adaptações de acesso ao currículo, com utilização de linguagens e códigos aplicáveis, assegurando-se os recursos humanos e materiais necessários [...].

Na sequência em seu subitem (2.1 p.41) dando ênfase a comunicação específica de pessoas com surdocegueira:

Em face das condições específicas associadas à surdez, é importante que os sistemas de ensino se organizem de forma que haja escolas em condições de oferecer aos alunos surdos o ensino em língua brasileira de sinais e em língua portuguesa, e aos surdocegos, o ensino de língua de sinais digital, tadoma e outras técnicas, bem como escolas com propostas de ensino e aprendizagem diferentes, facultando-se a esses alunos e a suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequadas [...]. (BRASIL, 2001, p.41).

Os debates sobre a inclusão, nos instigam a problematizar o processo de aprendizagem de alunos com surdocegueira, a fim de compreender como ocorre o processo inclusivo do mesmo, partindo da importância de seu corpo e movimento para sua integração e troca de experiências (que são corporais) durante o processo em que estará inserido na educação básica. Além disso, garantir sua participação efetiva nas aulas de Educação Física explorando o se-movimentar representa uma investida significativa no processo de compreensão de o mesmo estabelece suas próprias relações corporais.

O processo de inclusão escolar nos chama a conhecer e respeitar as especificidades de cada indivíduo, pois todos tem direito ao acesso e permanência no ensino e, para o público da educação especial também o direito ao atendimento especializado. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem como intuito atender a demanda de necessidades específicas dos alunos, com o objetivo de elaborar recursos pedagógicos e de acessibilidade, além de adequar currículos, que façam com que aconteça a participação dos alunos. Além disso, esse atendimento deve ser realizado na escola em que o aluno está matriculado, em seu contraturno. Galvão (2013) aborda a oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento que as rotinas escolares trazem para o aluno com surdocegueira.

Art. 5º O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2009, p.2)

No AEE para alunos com surdocegueira, um dos primeiros passos do profissional é entender e conhecer como se dá a comunicação. Toda e qualquer atividade deve respeitar a particularidade de cada aluno. Godoy, Vitaliano e Fabri (2012), em estudo com professores do



AEE, direcionados para alunos surdocegos, chegaram a conclusão de que a maior dificuldade encontrada para atender a demanda desses alunos é a comunicação com todos e com o mundo.

Segundo Rebelo (2014, p.219), “para a maioria das pessoas surdocegas, o mundo começa e acaba na palma de suas mãos”. Em contrapartida Smithdas (1981), explica que o mundo do aluno com surdocegueira é reduzido ao que ele possa alcançar com as pontas dos dedos, mas que de acordo com que vai percebendo seus sentidos secundários, ele pode expandir seu corpo de informações e conhecimentos. A comunicação é uma forma de expressão na qual demonstramos ideias, sentimentos e emoções, que podem influenciar no comportamento pessoal, a partir (ou não) de seu contexto sociocultural.

Existem diversas formas de comunicação, sendo verbal e não-verbal, no qual a comunicação verbal é expressa através da linguagem escrita e falada, já a não-verbal utiliza-se das expressões e manifestações corporais. Em alguns casos a comunicação verbal não se faz presente, sendo assim, a comunicação acontece através da linguagem corporal (não-verbal), tendo a necessidade da consciência corporal para uma compreensão da comunicação por meio da expressividade.

De acordo com Guimarães e Oda (2013), por mais que a fala seja um meio com um conhecimento mais amplo, algumas limitações impedem a comunicação com o outro por meio da mesma, porém, de qualquer forma, independente da maneira em que o sujeito se comunica, têm a possibilidade e a necessidade de brincar, interagir, conviver e aprender.

O conhecimento corporal vai além do conhecimento das partes compostas, em direção a uma dimensão ampla do conhecimento das suas funções e potencialidades abrangendo toda a teoria da cultura corporal de movimento. É nessa perspectiva que os conteúdos da Educação Física devem ser organizados na práxis reflexiva desses diversos conhecimentos corporais.

Segundo Saviani *apud* Resende e Soares (1996, p. 55):

O ensino da Educação Física na perspectiva da cultura corporal pressupõe uma dinâmica didático-pedagógica que envolva a vivência lúdica, reflexiva e sócio-comunicativa de práticas relacionadas aos jogos e brincadeiras populares, aos esportes, às ginásticas e as possibilidades de expressão rítmica do corpo.

Nesse viés, o controle corporal é uma chave importante no aprimoramento das práticas corporais desenvolvidas durante o processo. É através do controle corporal que se avalia o grau de evolução (superação) de uma prática e/ou para outra. Para tanto é importante ressaltar que além da especificidade do controle corporal, a vivência, a reflexão, a resolução de problemas, a construção de alternativas, a modificação das formas convencionais dos esportes, dentre outros aspectos, também devem fazer parte do conjunto de



conhecimentos/habilidades na perspectiva da cultura corporal, (RESENDE E SOARES, 1996).

Entendemos que o conhecimento e controle corporal têm como função essencial evidenciar aspectos técnicos na sua forma simples, uma vez que, o complexo processo de controle corporal, envolve dimensões metafísicas na qual o sujeito é desafiado com a pretensão de superação para obter maiores habilidades corporais. Cujo controle se dá na execução de movimentos básicos (andar, correr, saltar...) aos mais complexos (arremesso, recepção, giros, quicar, rolamentos...) a partir do conhecimento do corpo próprio, ou seja, o que posso fazer e até onde posso ir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos trabalhos analisados percebeu-se a importância do professor junto as ações para com os estudantes, ou seja, que o profissional compreenda cada estudante, suas necessidades e especificidades. Desta forma conhecer as características da surdocegueira é indispensável para que o professor consiga promover ações inclusivas junto ao estudante ao passo que o mesmo estabeleça relações. Compreendendo a comunicação como indispensável neste processo é possível entender que a Educação Física se apresenta como um elemento imprescindível na descoberta, experimentação, significação do movimento humano através do processo de elaboração da expressão corporal de crianças com surdocegueira, bem como, potencializadora deste processo pois objetiva que o sujeito se (re)conheça enquanto corpo que se-movimenta, que estabelece relações, consigo mesmo, com outros, com as coisas e com o mundo.

Talvez o professor de Educação Física desconheça a relevância de suas aulas para o percurso formativo da criança com surdocegueira. A elaboração, estruturação, (re)significação do movimento humano dessa criança está diretamente relacionada as vivências de movimento, ao brincar/jogar, ao se-movimentar, ao expressar seus sentimentos, as expressões corporais sentidas e refletidas no dia-dia, na igualdade de oportunidade de “mexer” o corpo, de sentir o corpo, de experienciar diferentes práticas corporais, de ampliar o vocabulário de movimento, estando estes pautados no processo de emancipação dos sujeitos, por meio do correr, pular, saltar, sentar, pegar, rolar, pinçar, entre outras possibilidades. O processo de inclusão escolar se apresenta complexo, porém, é preciso que o professor se coloque



disponível para os desafios de atuar junto diversidade humana. A comunicação com o outro é a forma primária de contato, indiferente do “como” nos comunicamos.

Portanto a partir da leituras dos estudos selecionados podemos afirmar que o professor de Educação Física tem um papel importantíssimo na formação do percurso formativo da criança com surdocegueira. Cabe à escola estabelecer uma rede de apoio estreitando as relações entre estudantes, pais, professores e diferentes profissionais que atuam junto a criança. Investir na formação continuada para os docentes acerca dessa temática também se apresenta como uma investida significativa para que o estudante tenha acesso e explore os conhecimentos considerando suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo 2011: Edição 70.
- BOAS, D. C; VILLAS BOAS, L.P; FERREIRA, M.C. M; MAIA, S,R. **A comunicação de pessoas com surdocegueira e a atuação fonoaudiológica**. Distúrbios da Comunicação, v. 24, n. 3, 2012.
- BOSCO, I. C. M. G; MESQUITA, S. R. S. H. e MAIA, S. R. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Surdocegueira e deficiência múltipla**. Brasília – [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, MEC/SEESP, 2010.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre. Magister. 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Secretaria De Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial, 2001.
- BRASIL. CNE. CEB. **Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009**, que institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. Brasília: 2009.
- BRESSAN, L. L; BUSS, B. S; LEWCOWICZ, Alexandra Aline. Inclusão em foco: um estudo de caso sobre um deficiente que possui surdocegueira no ensino regular. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 55-1-17, 2019.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A; COSTA, M. da P. R. da. **Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação**. 2. ed. São Carlos: Edufscar, 2010. p.78.
- CAMBRUZZI, Rita de Cássia S. **Comunicação entre mãe e adolescente surdocega: construção de significados compartilhados**. 2007. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- CONFORTO, Edivandro Carlos; AMARAL, Daniel Capaldo; SILVA, SL da. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: **Aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos**. Trabalho apresentado, v. 8, 2011.
- CORMEDI, Maria A. **Alicerces de significados e sentidos de aquisição de linguagem na surdocegueira congênita**. USP, São Paulo, 2011.
- FARIAS, Sandra Samara Pires. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE



FEDERAL BAHIA, Salvador, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18190/1/Os%20processos%20de%20inclus%C3%A3o%20dos%20alunos%20com%20surdocegueira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2020.

GALVÃO, N. C. S. S.; MIRANDA, T. G. Atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular. **ABPEE**, Marília, v.19, n.1, p43-60, 2013.

GODOY, S. A.; VITALINO, C. R.; FABRI, R. T. Percepções de professores especialistas da área da surdocegueira sobre a formação docente. In: **IX ANPED SUL** (Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul), 29 jul/01 ago. 2012, Anais Caxias do Sul: UCS, 2012.

KENMORE J. R. State OD the art: **Perspectives on Serving Deaf-Blind Children**. 1977.

GUIMARÃES, C. F.; ODA, A. L. Instrumentos de avaliação de linguagem infantil: aplicabilidade em deficientes. **Revista CEFAC**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n6/v15n6a33.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

KUNZ, E. O movimento humano como tema. **Revista Eletrônica Kinein, Florianópolis**, v. 1, n.1, dez. 2000.

MAIA, S. R., ARAÓZ, S. M. Surdocegueira – saindo do escuro. **Rev Educação da UFSM**. Santa Maria 2001;

MAIA, S. R. **A Educação do surdocego- Diretrizes básicas, para pessoas não especializadas**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MASINI, E.; TEODOR, C.; NORONHA, L.; FERRAZ, R. B. Concepções de professores do ensino superior sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro docentes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 88, n.º 220, junho de 2019.

MACEDO, N. D de. **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: Senac, 2005. 446 p.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2005.

McINNES, J. M.; TREFFRY, J. A. **Deaf-blind infants and children: a development guide**. Toronto: University of Toronto Press, 1997.

MÔNACO, C. **A mediação para a Pessoa com Surdocegueira**. Apostila do curso de Formação de Mediadores, projeto Girassol, Grupo Brasil e Embaixada do Canadá 2004, George Brown College.

REBELO, A. O desenvolvimento cognitivo e a tomada de decisão das pessoas surdocegas. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 5, n. 1, p. 211-221, 2014.

RESENDE, H. G. de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Conhecimento e especificidade da educação física escolar na perspectiva da cultura corporal. **Revista Paulista de Educação Física**, [s. l.], p. 49-59, 1996.

REYES, Daniel. **La sordoceguera: una discapacidad singular**. In: La sordoceguera: una análisis multidisciplinar. 1. ed. Madri, 2004.

REZER, R. **O trabalho docente na formação inicial em Educação Física: reflexões epistemológicas...** 2010. 394. Porto Alegre, 2013.

SAVIANI, D. **Educação e Questões da Atualidade**. São Paulo. Livros do Tatu/Cortez. 1991.

SMITHIDAS, R. **Psychological aspects of deaf-blind**. In: WALSHS, S. & HOLZENBERGER, R. Ed. Springfield, 1981.

SOARES, R. A **História da Educação do Surdocego no Brasil**. In: Toque: Mãos Que Falam. Ano 1, Nº 1, São Paulo, 1999.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015.** São Paulo, 2017. p. 262. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.